

## Vamos brincar?

*Líria Gonçalves Machado<sup>1</sup>*

Brincadeira é coisa séria...

Pesquisas vêm confirmando o que tenho observado na minha experiência profissional com crianças de até 6 anos de idade, ou seja, a importância do brincar para o desenvolvimento dos pequeninos.

A riqueza das experiências no ato de brincar se torna evidente quando vemos países que implementam políticas públicas de suporte às famílias e às escolas nessas atividades e colhem resultados positivos.

A tecnologia ocupa um espaço significativo na vida dos adultos e conseqüentemente dos pequenos, que nascem estimulados pelas telas “touch screen”, memorizando ícones dos mais variados aplicativos. Mas as crianças precisam, ou melhor, necessitam de movimento, interação com outras crianças, com adultos que façam a mediação e a provocação de brincadeiras colaborativas e de troca de afeto. Nada contra a tecnologia.

Não imaginamos a importância de brincar de esconde-esconde para o desenvolvimento da confiança, a brincadeira de empilhar e derrubar blocos com um bebê, esconder o rosto com um pano, que provocam boas gargalhadas. E mais, quantas conexões neuronais estão se estabelecendo com simples brincadeiras.

Da gestação aos sete anos de vida podemos impactar positivamente a formação dos seres humanos e diminuir sua vulnerabilidade quando adultos. Valorizarmos essa fase da vida é imprescindível para que tenhamos reais mudanças no mundo. Mas e a brincadeira com isso?

Propiciar um ambiente estimulante, seja em casa ou na escola, dar suporte e orientação aos pais de como brincar com seu bebê, deveria ser pauta primeira das políticas públicas que valorizam a infância.

Estabelecer vínculos de amor, confiança e cuidados com nossas crianças já são atitudes reconhecidas pela neurociência, psicologia, pedagogia, e até pela economia<sup>2</sup>, como nutrientes das relações no desenvolvimento de seres humanos mais saudáveis e mais solidários.

Desenvolver a empatia com as crianças, brincar, entrar em seu mundo para dialogar com elas é um aprendizado para ambos, criança e cuidadores, pais ou responsáveis.

Sou do tempo que se brincava na rua, com muitos amiguinhos, que a mãe estava a todo tempo nos orientando e mediando algumas brincadeiras, que escola era só com 6 anos de idade e reconheço a importância do ato de brincar na minha formação. Por isso brinquei muito com os meus alunos, fui professora dessa faixa etária por 25 anos e sempre procurei fascinar e estimular a curiosidade das crianças por meio das mais variadas brincadeiras: desde a estimulação de bebês em berçário até os jogos de equipe com as crianças entre 4 e 6 anos de idade. Gostavam de aprender queimado, pular corda, amarelinha, bolas de gude, batatinha quente, mãe da rua, entre outras. Eu também aprendia as brincadeiras deles. Estabelecíamos vínculos nessas trocas, e a aprendizagem acontecia de forma natural. Muitas áreas do cérebro estavam sendo estimuladas.

Pensar a sociedade com atenção à primeira infância é pensar numa sociedade que tome menos remédios psicotrópicos, que não necessite ampliar o sistema carcerário ou clínicas para os dependentes químicos e que não precise criar espaços de recuperação de adolescentes.

Priorizar a primeira infância é criar espaços educativos atraentes, políticas públicas que

---

<sup>1</sup> Líria Gonçalves Machado é Mestre em Educação pela UCP, professora no curso de Pedagogia, do UNIFESO. E-mail: [liriamachado@unifeso.edu.br](mailto:liriamachado@unifeso.edu.br)

<sup>2</sup> Investir em educação para a primeira infância é melhor 'estratégia anticrime', diz Nobel de Economia - [www.bbc.com/portuguese/geral-48302274](http://www.bbc.com/portuguese/geral-48302274)

amparem mães e pais trabalhadores para que tenham um tempo preservado com seus pequenos e orientação e cuidados desde a gestação.

Infância protegida e com amor é receita certa de uma sociedade mais humana!